



Apresentação

TORNANDO-SE ANTROPÓLOGUES EM MEIO A PRECARIIDADES MULTIFACETADAS

Hitalo Ricardo Alves Pereira

Mestre em Antropologia Cultural pela Universidade de Miskolc
<https://orcid.org/0000-0003-3399-928X>

Venes Carmelo Tiñana Banquiles

Mestre em Antropologia Cultural pela Universidade de Miskolc e Professor Assistente no Departamento de Antropologia da Universidade das Filipinas
<https://orcid.org/0009-0005-9351-3490>

Escrever a introdução para um dossiê cujo tema centra-se em precariedades pode em si ser algo precário. Por onde começamos a incluir¹ precariedade, de forma pessoal e também antropológica, sem cair na armadilha de romantizar nossas multifacetadas lutas pessoais e sem escrever nada além de discursos vazios? Será se a antropologia realmente reconhece o fato de que fazer isso, especialmente hoje em dia, se tornou algo ainda mais precário devido a neoliberalização das universidades, a capitalização da "diversidade" no marketing universitário e sua ainda duvidosa "decolonização"? Quão eficazes são esses esforços de decolonização quando as iniciativas para exercê-los são apoiadas pela "caridade" ocidental que ainda atende a interesses políticos e ontológicos dominantes?

Essas mesmas questões, junto de precariedades sentidas e vividas por nós na pós-graduação significativamente, e às vezes visceralmente, são suficientes para elaborar honestos relatos sobre nossas próprias experiências enquanto jovens antropólogos. Talvez não seja difícil pensar precariedade quando ela está tão perto de nossa mente, coração e estômago. Não é tão

assustador pensar o quão difícil é fazer trabalho de campo sem financiamento quando nós o vivenciamos, as vezes passando os fins de semana trabalhando em empregos de meio período para reunir fundos para nossa pesquisa. Não é tão trabalhoso problematizar o quão difícil é escrever, com pouca supervisão, sobre algo no qual ainda somos iniciantes e inexperientes, porque já estivemos lá e fizemos isso. De fato, não há como escapar, não há como não ver, e não há como parar de pensar nessas coisas.

Assim nos reunimos para pensar num dossiê que pudesse apresentar uma miríade dessas experiências, para ver o que está antes, no meio e além delas. Quando escrevemos o que pretendíamos para esta proposta de dossiê temático e mostramos às pessoas que organizam a Revista Zabelê, elas imediatamente abraçaram a ideia. Estávamos confiantes de que muitas pessoas nos enviariam suas reflexões. Pensando num público mais amplo, especialmente nas pessoas que vêm de sociedades pós-coloniais, compartilhamos a chamada em diversos lugares e plataformas em português, espanhol e inglês, já em janeiro de 2024. Fizemos isso em fóruns como Anthropology Matters, conhecido por ser uma comunidade de antropólogos ao redor do mundo; grupos do Facebook; Instagram; e Twitter — até vimos um tweet, compartilhando a chamada, que teve mais de 100 curtidas. Ficamos felizes, pensando que talvez nosso tema tenha atingido muitas pessoas, e que haveria um número relativamente alto de submissões.

Além de um ensaio visual, até junho não tínhamos nenhum artigo aprovado. Uma submissão foi rejeitada, e dois trabalhos não entraram no tema do dossiê. Isso nos desmotivou. Não sabíamos o que fazer. Achamos estranho, já que em qualquer conversa com pessoas que estão fazendo antropologia, sempre são compartilhadas vivências e problematizações ligadas ao que esperávamos ver no dossiê. Ainda assim, ninguém estava enviando nada. Nos perguntávamos: Será que é por estar em uma revista estudantil? Pelo fato de o dossiê estar sendo organizado por duas pessoas que acabaram de terminar seus mestrados fora dos “grandes centros” da academia global? Por não termos compartilhado o suficiente? Por não termos a prática e os meios para tornar “científicos” ou “etnográficos” nossos processos de tornar-se antropólogos, muitas vezes em circunstâncias precárias? Ou pelo fato de que muitas pessoas podem se sentir oprimidas, desencorajadas e vulneráveis ao pensarem em refletir e tornar público processos que muitas vezes podem ser comprometedores?

Em conversas casuais sobre fazer pesquisa e em trabalhos acadêmicos, constantemente discutimos a importância da reflexividade, o domínio implacável das hierarquias, e questões de colonialismo, racismo, sexismo, classismo e os muitos “ismos”, porque muitas vezes estamos nos referindo a outras pessoas, comunidades, campos e suas implicações. Contudo, quando se trata de situações sobre nós — antropólogos em formação — e que nos afetam diretamente, não é tão comum que façamos tais teorizações e reivindicações, significativamente relacionadas às nossas vidas e futuros diários, acadêmicos e profissionais, ainda que elas estejam diretamente ligadas a campos e sujeitos. Se podemos lidar com tópicos perigosos, comprometedores e vulneráveis, e suas questões éticas, ao pesquisar uma miríade de temas, com pessoas diferentes e outros-que-humanos, por que não podemos nos treinar para fazer isso ao compartilhar reflexões e reações sobre nossos processos de ensino e aprendizado em antropologia, de forma que possamos torná-los antropológicos/etnográficos/científicos?

Poderíamos fazer muitas outras perguntas sobre o que cerca nosso projeto. E quanto



mais perguntamos, mais emaranhadas as coisas se tornam.

No norte global: quando os organizadores se encontram

Pensando nas inúmeras vezes em que conversamos sobre nossas lutas enquanto estudantes de pós-graduação no exterior, sempre achamos fascinante como nossas origens e experiências se cruzam; como compartilhamos toneladas de coisas em comum, considerando que viemos de lados opostos do planeta: Brasil e Filipinas. Uma coisa é evidente: nossa "busca" por algo "novo", independentemente de sua natureza, nos levou ao Norte Global.

Eu (Venes) não tenho bacharelado em antropologia. Vindo da Filosofia, meu principal problema com minha disciplina de graduação é principalmente teórico: levando em conta os problemas cada vez maiores na sociedade filipina, como é que a Filosofia ainda, na maioria das vezes, só pensa nas coisas a partir de livros? Isso pode, é claro, ser contestado, mas acho que o que mais me atraiu para a antropologia foi principalmente seu método: produzir conhecimento estando com e pensando com (Haraway, 1997; 2000; Haraway e Goodeve, 2000) humanos e outros-que-humanos. Longe de teorizar como os pensadores medievais que filosofam enquanto o Espírito Santo paira sobre eles, antropólogos fazem isso de forma clara e (não tão) simples: com observação participante e etnografia. Com isso, e tropeçando em uma bolsa de mestrado no exterior, embarquei nessa nova disciplina longe de casa, em um país que eu só conhecia por meio de livros. Quanto a Itália, sua história é diferente.

Minha graduação (Itália) é em Ciências Sociais, mas tenho a sensação de que só consegui entender o que "estar com" e "pensar com" podem significar, na produção de conhecimento científico, quando comecei meu mestrado em antropologia na Universidade Federal do Piauí, em 2020. Durante os tempos difíceis e horríveis da Covid-19, acabei desistindo dos meus estudos de pós-graduação no Brasil em 2021, por conta de muitas precariedades que me atravessavam, logo no que seria meu último semestre. Então também acabei embarcando nessa disciplina, — para mim, nova mais nem tanto — longe de casa, em um país que nunca havia passado pela minha cabeça.

Nos conhecemos por meio de um programa de mestrado em Antropologia Cultural em uma universidade húngara. Um de nós começou o programa um ano antes, mas aquele outro único ano que passamos juntas no mesmo programa, cidade e até dormitório foi marcado pelas discussões intermináveis que tivemos sobre nossos processos de tornar-se antropólogos — sendo bixas, não-brancas e pobres — "desviando" de muitas coisas socialmente "convencionais" em uma sociedade branca e heterossexual.

Para ser breve, viver na Europa pode parecer uma experiência elevada, exceto que não é. Para grande parte de nós do Sul Global, nossas perspectivas de carreira e vida parecem estar tão centradas na ideia de que "o Norte Global tem" que, apesar da incerteza, deixamos o conforto relativo de nossos países e mergulhamos em águas desconhecidas. O Ocidente, por meio de seus projetos coloniais-imperiais, acumulou (e ainda acumula) riqueza em seus cofres, dos quais também ansiamos tirar proveito. "O Norte Global tem" certamente possui um grão de verdade porque tem, e nós buscamos por isso. Daniel Immerwahr (2019) põe com precisão: hoje, ainda temos o imperialismo em nosso meio. A situação em busca de pastos mais verdes, com o Antropoceno e as transformações sociais que o cercam, torna o cenário tão difícil como sempre. Fomos, portanto, atraídos para o Norte Global, apenas para nos encontrarmos presos em suas circunstâncias sociopolíticas que, na maioria das vezes, se

não o tempo todo, envolvem pessoas estrangeiras, especialmente aquelas que vêm do Sul Global. Mesmo para quem consegue se esforçar e sobreviver lá, a vida fica difícil a cada dia.

Com diferentes posicionamentos, nossas opiniões certamente divergem em muitas questões, mas uma coisa é certa: a forma como opinamos opera sob a sombra do colonialismo, e resistimos a ele vivendo de maneiras confluentes e alternativas. Se a maneira como "sabemos" foi amplamente moldada por esses certos "saberes" coloniais, influenciando nossas estruturas ao pensar as coisas, agora argumentamos o contrário. Inspirados pela visão contra-colonial de Antonio Bispo dos Santos (2008: 48), consideramos nossos processos de tornar-se, dentro e fora da academia, como questões de resistência, para defender e combater nossos símbolos, significações e modos de vida. Vivendo com precariedades multifacetadas, por causa de estruturas pós e neocoloniais, nas quais nos encontramos enquanto antropólogos em formação, a única maneira de articular melhor nossa resposta às precariedades na academia neoliberal — e mostrar melhor como, enquanto suas garras ainda podem estar agarrando nossos pescoços "de cor", não nos tornamos sujeitos passíveis de opressão — é fazer algo a respeito; reagir. Assim, surge este dossiê da Zabelê.

Reagir: questão de sobrevivência

“Será se não precisamos nos localizar e localizar nossos projetos de forma mais precisa e consistente?”, expressou Lila Abu-Lughod (2000: 261, tradução nossa) em *Locating v Ethnography*. Será se não precisamos praticar “escrever contra a cultura” (Abu-Lughod, 1996) ao pensar sobre nossos processos de torna-se antropólogos em configurações acadêmicas? — uma cultura que, com todo o prestígio e possibilidades, tem seus perigos presentes na institucionalização de burocracias cristalizadas, e em relações de poder e opressão, que engolem facilmente as percepções das pessoas sobre suas jornadas acadêmicas que, por vezes, são precárias.

Reações: quando uma universidade se orgulha de sua “internacionalização” ou “integração”, mas falha em atender às necessidades básicas de seus estudantes — seja com a falta de profissionais de saúde competentes que consigam se comunicar com alunos vindos de outros países; ou com o racismo dentro das dependências da universidade, para citar algumas — nós nos direcionamos para a situação e lidamos com a burocracia e a hipocrisia. Quando recebemos pouca ou nenhuma supervisão, compartilhamos o problema com nossos professores. Quando estamos financeiramente prejudicados e, às vezes, literalmente passando fome, não escondemos nossas condições e, em vez disso, fazemos a universidade tomar conta do problema. Fazemos isso porque, como antropólogos, acreditamos que nossa contribuição para a produção de conhecimento seja amplamente influenciada por nossas experiências mais práticas e pessoais. “Nós nos localizamos e localizamos nossos projetos”, Abu-Lughod não poderia ter sido mais precisa.

Alguns temas da vida podem realmente ser tabu para serem discutidos. Mas se esse tabu nos impede de pedir por melhores condições e perpetuar a "capitalização da diversidade" por instituições acadêmicas, então preferimos nos tornar vulneráveis do que sermos cúmplices de um ciclo de opressão sutil, mas nem tanto. Seguimos o argumento de Laura Nader (1972) sobre a necessidade de "estudar para cima" (e para baixo e para os lados): as complexidades de nossa sociedade, problemas, poderes e estruturas. Aqui, sobre, através, na, e com a antropologia. Fazemos isso para finalmente descrever, analisar, teorizar e agir sobre



práticas ou atitudes — por vezes tidas como "comuns" e parte de uma burocracia intocável de instituições e currículos educacionais — que se amparam em armadilhas coloniais.

Ir além e atravessar essas armadilhas exige que NÃO caiamos na dormência de reconhecer a disciplina da antropologia como:

um empreendimento intrinsecamente racista e colonial (...) para convencer seus praticantes de que não poderia ser outra coisa (...) [porque, e acima de tudo,] esses atos de autocondenação podem ser vistos como um tipo sutil de tomada de posse; afinal, tratar um corpo de conhecimento acumulado como fundamentalmente contaminado, como seu segredinho sujo, ainda é tratá-lo como seu segredinho sujo (Graeber, 2014: 81, *tradução nossa*)

Então reagimos. Com o trabalho de Sarah Ahmed (2010) sobre a felicidade, conceituamos a precariedade como uma ferramenta do opressor e motor da conformidade. E nós os combatemos veementemente. Ecoamos a visão de Gustavo Lins Ribeiro (2022) sobre a decolonização como um processo de longa duração e reconhecemos que nossa busca para dissolver as estruturas (neo)coloniais que causam nossas precariedades ainda exige muito trabalho. Este dossiê é uma contribuição. Nós nos colocamos aqui e lá fora, com o problema.

O dossiê

Aqui reunimos excelentes trabalhos de colegas antropólogos do Brasil, Colômbia, México e Hungria. Neste dossiê, assim como os padres europeus que chegaram às nossas terras através do projeto colonial-imperial, estamos trazendo nossas lutas para o altar do discurso acadêmico e as incensando com teorias que aprendemos em condições acadêmicas, muitas vezes precárias. Em resposta a opressões sutis (e muitas vezes não tão sutis), a nossa é a de Lorgia García Peña (2022): rebelião.

O dossiê consiste de dois artigos, três ensaios curtos, um ensaio visual e uma entrevista. A diversidade — não aquela comercializada em admissões universitárias — das contribuições aqui, vindas de várias posicionalidades e experiências, majoritariamente desde a América do Sul, reflete a escala em que nosso tema: *Tornando-se Antropólogos em Meio a Precariedades Multifacetadas*, ressoa com muitos. Também reflete a precariedade como um conceito dinâmico (Agergaard; Ungruhe, 2016), considerando que condições ambivalentes e multifacetadas podem gerar inúmeras e não-binárias configurações.

O primeiro artigo, *Tornar-se Etnóloga Indigenista: Relato da Primeiro Antropólogo Graduado na UFSC*, escrito por Jefferson Virgílio, expõe criticamente os perigos de uma formação precária em antropologia por meio de reflexões baseadas tanto na análise da introdução de uma tese de doutorado em antropologia quanto nas próprias experiências durante sua formação em antropologia e etnologia indígena. O artigo nos apresenta uma análise densa e contundente da antropologia como disciplina no Brasil, considerando uma série de casos relacionados à sua institucionalização — expondo tanto a falta de reconhecimento efetivo quanto a falta de aprofundamento ético, metodológico, empírico e teórico presentes no que tange a formação acadêmica em antropologia; e a influência de relações não profissionais e endogâmicas em currículos, processos seletivos, linhas de pesquisa e dentro da própria Associação Brasileira de Antropologia — e suas consequentes implicações teóricas, metodológicas, éticas e legais. Abordando, por exemplo, a responsabilidade e os impactos do trabalho de etnólogos com e sobre povos indígenas e

comunidades tradicionais, Virgílio nos informa sobre a relevância jurídica que laudos técnicos e etnográficos têm em decisões judiciais; e nos alerta sobre as consequências catastróficas — danosas aos direitos e à vida de pessoas e comunidades — que podem ser geradas por pesquisas desenvolvidas com falta de rigor e profundidade metodológica, empírica, teórica e ética. O artigo faz uma crítica profunda às precariedades presentes no ensino de antropologia dentro e a partir de seus enquadros e espaços institucionalizados; e nos direciona a repensar as contingências dos nossos processos de devir, engajamentos e ações.

Hitalo Ricardo Alves Pereira escreve o segundo artigo do dossiê intitulado *Entre mundos e precariedades: fazer antropologia com micróbios*, refletindo sobre precariedades a partir de seu envolvimento com micróbios no Brasil e na Hungria, entre 2020 e 2024, juntamente com as influências resultantes de tais relações em sua formação em antropologia. Utilizando-se da autoetnografia, Pereira reconstrói algumas de suas experiências: entre 2020 e 2021, com sua entrada e eventual saída do mestrado em Antropologia na Universidade Federal do Piauí, Brasil: momento em que afeta-se e influencia-se pelo vírus SARS-CoV-2, fungos e leveduras naturais; E entre 2022 e 2024, quando muda-se para a Hungria com a intenção de, novamente, cursar mestrado em antropologia: se vendo afetado por uma disbiose intestinal ao mesmo tempo que desenvolvia sua dissertação de mestrado sobre relações entre humanos e o fungo *Botrytis Cinerea* na produção de vinhos em Tokaj, Hungria. Seu artigo, ao juntar experiências empíricas com um caminho teórico sobre o que vem sendo chamada de “antropologia de/com micróbios”, nos mostra como diferentes, dinâmicos e complexos emaranhados humano-micróbio podem apontar para questões de maior escala: precariedades em sistemas governamentais, incluindo saúde e educação; e formas de sobrevivência com outros-que-humanos, dentro e fora da antropologia, baseadas em uma “educação da atenção” (Ingold, 2016).

Os três ensaios curtos que compõem o dossiê também oferecem belas e provocantes contribuições a respeito das precariedades que permeiam a formação de antropólogos, nestes casos, na Colômbia e México. Num momento em que as ciências sociais estão sendo cada vez menos vistas como contributivas para a máquina capitalista, **Susana Echeverri Agudelo**, com seu ensaio *En Busca de Experiencia Laboral: La Elección de Realizar Prácticas por Parte de Los Estudiantes de Antropología* de la Universidad de Antioquia, reflete sobre como a Antropologia é desafiada a reivindicar continuamente sua relevância social. A autora nos mostra como a formação de estudantes de antropologia da Universidad de Antioquia, na Colômbia, tem sido cada vez mais influenciada pelas demandas do mercado e por políticas legais que incentivam jovens colombianos a buscarem experiência de trabalho durante seus cursos de graduação. Agudelo nos apresenta uma variedade de depoimentos de estudantes que apontam para a necessidade de melhores estratégias que garantam a tão-relevante inserção de práticas laborais nos currículos de antropologia. Isso porque, no momento de sua pesquisa, a autora percebe que estes antropólogos em formação, ao buscarem inserção no mercado de trabalho, foram desafiados por incongruências curriculares e insuficiente preparo da universidade, departamento e empresas — que vão desde a falta de instruções teóricas e metodológicas sobre o âmbito do mercado de trabalho, até a falta de supervisão na procura e atuação nesses espaços.

Em seu ensaio, teórica e poeticamente comovente, *Maricx-AfrxLatinoamericana: Unicornios y Otros Demonios Blancos*, **Leiner Navarro Jiménez** nos conduz a uma experiência hipertextual e sensorial ao ilustrar seus caminhos na antropologia e na vida como



orgulhose *marica negra*. No texto, Jiménez argumenta por uma antropologia em outros modos, a partir de vivências e de identidades negras e LGBTQIAPN+ — em especial a de maricas negras — construídas e movimentadas a partir de diferentes contradições, interseções, violências e práticas amorosas, eróticas e intelectuais que, generativas, desconfiguram binarismos. Uma antropologia disruptiva, e que desenvolva teorias, metodologias e debates “adotando uma proposta epistemológica, estética e ética” centrada na criatividade e unida a arte — provenientes, também, dessas próprias vidas e por estas próprias pessoas negras e que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+, que constantemente marginalizadas, violentadas e postas ao escárnio também geram outras formas de viver, conhecer, pesquisar, estudar, aprender e amar.

Quanto ao terceiro ensaio curto que compõe o dossiê, *Depresión y ansiedad en crisis: aislamiento y sus repercusiones en la salud mental, vida social y problemáticas culturales en el estudiantado jaliscoense*, Vania Dolores Ortiz Ruiz reflete sobre sua pesquisa acerca dos efeitos psicossociais, gerados na e pela pandemia de Covid-19, na trajetória de estudantes de ciências sociais da Universidad de Guadalajara em Jalisco, no México. Ao fazer uma etnografia digital, durante os tempos difíceis da pandemia, a autora nos expõe como sua própria pesquisa — que argumenta por diálogos multidisciplinares no que concerne o debate sobre transtornos psicológicos e crítica ao tempo sistêmico do capitalismo — a deu esperança, engajamento e possibilidades de permanência com e na antropologia durante as incertezas e medos que vieram com a pandemia.

Essa edição também conta com um artigo na seção livre, intitulado *Drama social e estético: Uma análise da festa dos Papangus na comunidade do Cumbe, Beberibe-CE*, de Pedro Pereira do Nascimento e Alexandre dos Santos Rocha, que revela a rica tradição dos papangus em Beberibe-CE, onde a cultura popular e a fé cristã se encontram no cenário vibrante da Semana Santa. Focando na festa do Cumbe, os autores exploram a dança tradicional entre o sagrado e o secular, onde as máscaras e performances dos papangus ganham vida em meio à celebração religiosa.

Desenhando a vida junto de precariedades, Ana Clara Damásio, com seu ensaio visual *Precariedades da vida: criando desenhos*, nos mostra que sua jornada pesquisando com e sobre sua família — e suas dinâmicas ao buscar melhores condições de vida — a possibilitou profundas reflexões sobre como estruturas precárias podem moldar a vida, e estão envoltas na criação de assimetrias que se constituem em interseções de raça, gênero, classe e configurações espaciais, dentro e fora da universidade e da antropologia.

Por fim, apresentamos uma *entrevista* com a antropóloga húngara Dra. Veronika Lajos, onde a mesma discute diferentes questões relacionadas a precariedades, compartilhando conosco seus caminhos na antropologia, bem como suas visões sobre a antropologia húngara e sua institucionalização, o início dos programas de pós-graduação em antropologia conduzidos em língua inglesa no país e a entrada de estudantes internacionais em tais programas.

Esperamos que, com este dossiê, mais estudantes, professores e pesquisadores do ramo da antropologia possam se sentir encorajados e inspirados a refletir, debater e investigar processos que compõe o tornar-se antropólogo. Acreditamos que agora, mais do que nunca, a antropologia deva se preocupar com o custo e consequências que assume ao manter-se dormente diante das precariedades multifacetadas que permeiam o ensino, aprendizado e a vida de antropólogos.

Nota

¹ Do termo queer, ou cuir como é chamado em português e espanhol, usamos encuir como um verbo que nos direciona para mudanças que não se relacionam a gêneros, pensamentos e ações binárias mas que estão abertas à inúmeras, complexas e por vezes contraditórias configurações e contingências.

Referências

Abu-lughod, Lila. "Locating ethnography". *Ethnography*, v. 1, n. 2; 261–267, 2000.

Abu-lughod, Lila.; rego, Francisco CLeiton Vieira Silva. Do; Durazzo, Leonardo. "A Escrita contra a cultura". *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, [S. l.], v. 5, n. 8; 193–226, 2018. DOI: 10.21680/2446-5674.2018v5n8ID15615.

Aggergaard, Sine.; Ungruhe, Christian. "Ambivalent Precarity: Career Trajectories and Temporalities in Highly Skilled Sports Labor Migration from West Africa to Northern Europe". *Anthropology of Work Review*, v. 37, n. 2; 67–78, 2016.

Ahmed, Sarah. *The Promise of Happiness*. Durham, NC: Duke University Press, 2010.

Dos santos, Antônio Bispo. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCT/UnB, 2015.

11

Garcia Peña, Lorgia. *Community as Rebellion: A Syllabus for Surviving Academia as a Woman of Color*. USA: Haymarket Books, 2022.

Graeber, David. "Anthropology and the rise of the professional-managerial class". *Hau Journal of Ethnographic Theory*, v. 4, n. 3; 73–88, 2014.

Haraway, Donna. *Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan@_Meets_OncoMouse: Feminism and Technoscience*. New York: Routledge, 1997.

Haraway, Donna.; Goodeve, Thyrza. *How Like a Leaf: Donna J. Haraway; An Interview with Thyrza Nichols Goodeve*. New York: Routledge, 2000.

Immerwahr, Daniel. *How to Hidean Empire: A History of the Greater United States*. New York: Picador, 2019.

Lins Ribeiro, Gustavo. "From de colonizing know ledge to pos timperialism". *American Ethnologist*, v. 50; 375–386, 2023.

Nader, Laura. "Up the anthropologist—Perspectives gained from studying up". In: Hymes, D. (Ed.). *Reinventing anthropology*. New York: Vintage Books, 1974. 284–311.

